

ENTREVISTA / INTERVIEW

Professor Robson Sávio Reis Souza: desafios de educar para a cidadania e a alteridade

Professor Robson Sávio Reis Souza: challenges of educating for citizenship and otherness

Por: Ev'Ângela Batista Rodrigues de Barros¹

O professor Robson Sávio é doutor em Ciências Sociais (Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da PUC Minas), com pós-doutorado em Direitos Humanos pela Universidade de Salamanca; mestre em Administração Pública (Gestão de Políticas Sociais - Escola de Governo da Fundação João Pinheiro); licenciado em Filosofia (PUC Minas); especialista em Estudos de Criminalidade e Segurança Pública (CRISP / UFMG) e especialista em Teoria e Prática da Comunicação (Universidade São Francisco - SP). Professor adjunto da PUC Minas, pertencente ao Departamento de Ciências da Religião. Pesquisador e coordenador do Núcleo de Estudos Sociopolíticos da PUC Minas (Nesp). Realiza estudos, pesquisas e tem prática profissional nas áreas de direitos humanos: políticas públicas (segurança pública, preso e sistema prisional); política (formação à cidadania, eleições e estudos legislativos); comunicação (com ênfase em comunicação popular) e movimentos eclesiais. Atua, principalmente, nos seguintes temas: direitos humanos, cidadania, justiça, controle externo da atividade policial, segurança pública, violência e criminalidade, participação social na gestão pública, comunicação popular; monitoramento do poder legislativo, ação dos movimentos sociais (com foco em movimentos eclesiais).

Ele concedeu à Revista do Instituto de Ciências Humanas entrevista em que fala sobre o contexto atual do país

¹ Titular da Coordenação Setorial de Publicações e Produções Acadêmicas da Proex. Editora adjunta da Revista Conecte-se, da Proex PUC Minas. Professora do Programa de Pós-graduação e do Departamento de Letras. Editora da Revista do Instituto de Ciências Humanas da PUC. E-mail: evangelab Barros@yahoo.com.br.

RICH: É amplamente noticiado o quanto somos um país desigual. O ano de 2020, com todo o contexto da pandemia – em que ainda nos vemos envolvidos - para o Sr., ela se acirrou ou apenas ficou mais evidente?

Robson Sávio: As desigualdades (sociais, étnicas, econômicas, de gênero, regionais) são as grandes mazelas do Brasil. Trata-se de questões estruturais que desaguam no racismo, misoginia, exclusão social, violência seletiva que caracterizam nossa sociedade. A pandemia desvelou algumas facetas dessas feridas históricas: a violência familiar e de gênero; o racismo explícito; o reacionarismo e negacionismo pulsantes em segmentos sociais escolarizados (e não necessariamente educados) e de renda média; os privilégios de corporações que mais se assemelham a castas, aumentando seus privilégios em meio ao aumento da pobreza e da miséria; os discursos religiosos perversos, associando charlatanismo, manipulação e impulsos teocráticos.

Somam-se às desigualdades um governo federal de extrema-direita a flertar com o autoritarismo e sem nenhum compromisso com a democracia e a Nação. Esse quadro, meio dantesco, faz da pandemia uma espécie de holocausto nacional, dado que milhares de vidas foram ceifadas por esse conjunto de perversidades que são naturalizadas no nosso país e, neste momento histórico, exaltadas por governantes que não respeitam a ordem democrática.

RICH: Externamente, temos sido vistos, como nação, de forma bastante pejorativa, em grande parte devido ao negacionismo (em relação a temas como o enfrentamento da pandemia de Covid-19) ou à inércia (em relação a políticas públicas importantes) do governo. Como o Sr. avalia essa situação? Que perspectivas percebe, nesse cenário?

Robson Sávio: Temos um governo que se caracteriza pela criminalização dos direitos humanos, portanto, atua metodicamente para destruir as bases da Constituição Federal de 1988; corrobora explicitamente setores do agronegócio, garimpeiros, madeireiros e invasores de terras públicas a viabilizar a mais sistemática destruição do meio ambiente; preza pelo negacionismo histórico e científico e, no plano internacional, alia-se à extrema-direita global (com figuras como Trump, Viktor Orbán, Putin, Andrzej Duda, entre outros).

Um presidente ligado às milícias, tendo como principais bases de apoio institucional o militarismo autoritário (mobilizado em segmentos das Forças Armadas e nas polícias estaduais), velhos caciques da política fisiológica e clientelista; ultraliberais que trabalham para destruir as políticas públicas e sociais. Sua base social é formada por dois grupos: setores da extrema-direita que

flertam com o fascismo (estimado em cerca de 15% da população) e neopentecostais (evangélicos e católicos) que desejam a instalação de um governo teocrático.

Um governo com essas características não tem o respeito da comunidade internacional. Por isso, o Brasil se tornou um pária internacional. Conversando como amigos de outros países e lendo a imprensa internacional chego nessa conclusão.

RICH: De longa data, o Sr. é pesquisador da relação entre fé, política e cidadania – como membro do NESP (Núcleo de Estudos Sociopolíticos da PUC Minas) e como docente engajado nas lutas das Humanidades. Como vê essa relação, atualmente?

Robson Sávio: O compromisso do cristão que se propõe a seguir os passos de Jesus é custoso. Demanda uma ética existencial. Ou seja, não basta dizer “Senhor, Senhor!” É preciso lutar por um mundo onde “todos e todas tenham vida e vida em abundância” (palavras de Jesus no Evangelho de João, capítulo 10, versículo 10). Esta é a relação entre fé e política: construir um mundo onde todos tenham os mesmos direitos e oportunidades.

Dito de outra forma, numa perspectiva cristã, o reino de Deus é o *locus* onde todos e todas sejam, de fato e de direito, filhos e filhas de Deus, possuidores da mesma dignidade. Como nos lembra Frei Betto, “fé e política são instâncias diferentes que se completam na prática da vida. A fé exige participação em uma comunidade religiosa para ser cultivada. A política exige participação nas demandas populares e o conhecimento dos problemas sociais para ser consequente. Isso não significa que a política deva ser feita em nome da fé. Deve ser feita em nome do amor, da verdade e da justiça. O bem comum é o que importa, e não os interesses de determinado segmento religioso”.

RICH: Falta-nos, ainda hoje, uma conscientização sobre a relação entre meio ambiente e cidadania, já que diz respeito a qualidade de vida. De que maneira a educação – já que somos formadores de professores – poderia ajudar a melhorar esse cenário?

Robson Sávio: O Papa Francisco, em sua encíclica “Laudato Si”, sobre o cuidado com a Casa Comum, nos dá lições fundamentais sobre essa relação entre meio ambiente e cidadania. Afinal, “tudo está interligado”. No documento, o Papa nos alerta que “as mudanças climáticas são um problema global com graves implicações ambientais, sociais, econômicas, distributivas e políticas, constituindo atualmente um dos principais desafios para a humanidade”. Se “o clima é um bem comum, um bem de todos e para todos”, o impacto mais pesado da sua alteração recai sobre os mais pobres, mas muitos “daqueles que detêm mais recursos e poder econômico ou político

parecem concentrar-se sobretudo em mascarar os problemas ou ocultar os seus sintomas”. Ainda segundo Francisco, “a falta de reações diante destes dramas dos nossos irmãos e irmãs é um sinal da perda do sentido de responsabilidade pelos nossos semelhantes, sobre o qual se funda toda a sociedade civil”.

No número 211 da encíclica, Francisco se dirige especialmente aos educadores. Vale a pena citar este trecho na íntegra: “Às vezes, porém, esta educação, chamada a criar uma “cidadania ecológica”, limita-se a informar e não consegue fazer maturar hábitos. A existência de leis e normas não é suficiente, em longo prazo, para limitar os maus comportamentos, mesmo que haja um válido controle. Para a norma jurídica produzir efeitos importantes e duradouros, é preciso que a maior parte dos membros da sociedade a tenha acolhido, com base em motivações adequadas, e reaja com uma transformação pessoal.

A doação de si mesmo num compromisso ecológico só é possível a partir do cultivo de virtudes sólidas. Se uma pessoa habitualmente se resguarda um pouco mais em vez de ligar o aquecimento, embora as suas economias lhe permitam consumir e gastar mais, isso supõe que adquiriu convicções e modos de sentir favoráveis ao cuidado do ambiente. É muito nobre assumir o dever de cuidar da criação com pequenas ações diárias, e é maravilhoso que a educação seja capaz de motivar para elas até dar forma a um estilo de vida. A educação na responsabilidade ambiental pode incentivar vários comportamentos que têm incidência direta e importante no cuidado do meio ambiente, tais como evitar o uso de plástico e papel, reduzir o consumo de água, diferenciar o lixo, cozinhar apenas aquilo que razoavelmente se poderá comer, tratar com desvelo os outros seres vivos, servir-se dos transportes públicos ou partilhar o mesmo veículo com várias pessoas, plantar árvores, apagar as luzes desnecessárias... Tudo isto faz parte duma criatividade generosa e dignificante, que põe a descoberto o melhor do ser humano. Voltar – com base em motivações profundas – a utilizar algo em vez de o desperdiçar rapidamente pode ser um ato de amor que exprime a nossa dignidade”.

RICH: Como líder da Igreja Católica, o Papa Francisco tem se dedicado a temas relevantes para a sociedade mundial. Como o Sr. avalia a proposta do Pacto Educativo Global?

Robson Sávio: Esse pacto faz parte dos esforços de Francisco para promover uma ampla discussão sobre os efeitos da tecnologia, do consumismo e da cultura do imediatismo / individualismo na sociedade contemporânea: “O mundo contemporâneo está em transformação contínua, vendo-se agitado por variadas crises. Vivemos uma mudança epocal: uma metamorfose não só cultural, mas também antropológica, que gera novas linguagens e descarta, sem discernimento, os paradigmas

recebidos da história. A educação é colocada à prova pela rápida aceleração que prende a existência no turbilhão da velocidade tecnológica e digital, mudando continuamente os pontos de referência. Neste contexto, perde consistência a própria identidade e desintegra-se a estrutura psicológica perante uma mudança incessante”, escreveu o Papa na mensagem de lançamento do Pacto.

E Francisco propõe três desafios a serem enfrentados pela educação: primeiro, ter a coragem de colocar no centro a pessoa; segundo, a coragem de investir as melhores energias com criatividade e responsabilidade e, finalmente, a coragem de formar pessoas disponíveis para se colocarem ao serviço da comunidade, promovendo uma “cultura do encontro”.

RICH: Edgar Morin, em sua conhecida obra “Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro”, fala da complexidade da vida moderna (no sentido de tudo estar tecido junto, entrelaçado). Como sociedade, acredita que sairemos mais amadurecidos – depois de tantas dificuldades enfrentadas neste ano – e empáticos, no período pós-pandemia?

Robson Sávio: Concordo com o Papa Francisco quando afirma que vivemos uma mudança epocal. Não se trata meramente de uma época de mudanças. É algo muito mais profundo que não sabemos no que vai derivar. A pandemia precipitou uma série de mudanças que estavam em curso: a incapacidade de o meio ambiente suportar um modelo econômico que destrói os ecossistemas e produz tremenda concentração de riqueza e renda para pouquíssimos e exclusão social de bilhões de pessoas; as deficiências das democracias representativas; a perda de credibilidade de instituições tradicionais; os novos formatos sociais, caracterizados pelas diversidades, pautas identitárias, etc.; o assustador avanço da tecnologia, cada vez mais autônoma; o fenômeno das novas mídias sociais; a assunção da extrema-direita em muitos países; os pés de barro do sistema financeiro global alicerçado na financeirização e especulação; as grandes redes mafiosas globais, conectando várias modalidades de crimes, inclusive cibernéticos. São mudanças muito profundas.

Lembro-me de Gramsci quando trata das grandes crises enfrentadas pela humanidade: “A crise consiste precisamente no fato de que o velho está morrendo e o novo ainda não pode nascer. Nesse interregno, uma grande variedade de sintomas mórbidos aparece”. Mas, prefiro terminar esta resposta recorrendo ao mestre Paulo Freire: “É preciso ter esperança, mas ter esperança do verbo esperar; porque tem gente que tem esperança do verbo esperar. E esperança do verbo esperar não é esperança, é espera. Esperançar é se levantar, esperançar é ir atrás, esperançar é construir, esperançar é não desistir! Esperançar é levar adiante, esperançar é juntar-se com outros para fazer de outro modo...”.

RICH: Como o Sr. avalia os resultados das eleições municipais, em 2020? No âmbito local e mais amplo, indiciam uma avaliação, pela população, do cenário político nacional?

Robson Sávio: Cada pleito reflete um momento específico da realidade sociopolítica. Havia neste ano uma expectativa sobre a continuidade do fenômeno ocorrido nas eleições de 2018, derivado da onda da criminalização da política e das manipulações midiáticas em torno do discurso “anticorrupção”, resultando na assunção dos *outsiders* e extremistas ao poder.

Temia-se que os discursos de ódio e o recurso à violência (real e simbólica) fossem caracterizar o pleito. Porém, os resultados das eleições de 2020 refletiram, de certa maneira, o caráter conservador da sociedade brasileira, com a vitória dos segmentos políticos tradicionais.

A administração da pandemia foi um dos fatores avaliados pelo eleitor, quando se tratou da eleição para o Executivo, ou seja, a pauta ideológica foi menos relevante e o eleitor se mostrou mais preocupado com as políticas públicas locais.

Os resultados das eleições nos legislativos mostraram que há elementos muito positivos, como a assunção ao poder de representantes de grupos identitários, como negros, LGBTQI+, indígenas, quilombolas.

É preciso que o sistema político incorpore às pautas econômicas e sociais também as demandas identitárias. Ao contrário das análises midiáticas, o resultado das urnas aponta que os setores progressistas disputam a preferência do eleitorado e são competitivos.

Contatos do professor Robson Sávio Reis Souza:

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0242663293732863>

E-mail: robsonsavio@gmail.com | robson.savio@pucminas.br

Blog: www.robsonsavio.blogspot.com

Facebook: [facebook.com/robsonsavio](https://www.facebook.com/robsonsavio)

Canal de Vídeos: <https://www.youtube.com/user/robsonsavioreis>